

Análise da cobertura do jornal Zero Hora na Copa do Mundo de 1970

Analysis of the coverage of the newspaper Zero Hora in the 1970 World Cup

Nicholas Pereira Lyra RUVIARO¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo verificar a presença de traços de propaganda ideológica e relações com o regime ditatorial vigente no Brasil durante a Copa do Mundo de 1970 na cobertura da Zero Hora. Foram analisadas notícias e editoriais referentes ao evento. A Análise do Discurso foi utilizada como aporte teórico metodológico. Como resultados da pesquisa, a constatação de alguns elementos na cobertura do jornal que se relacionam com a representação historiográfica da Copa do Mundo de 1970, entre eles: a união através do futebol; a reafirmação do otimismo do brasileiro e relações entre futebol e política; silenciamento sobre as arbitrariedades da ditadura civil-militar; e a criação uma sensação de unidade nacional em torno da Copa do Mundo.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Copa de 1970. Ditadura militar. Futebol. Política.

Abstract

This article aims to verify in the coverage of Zero Hora the presence of traces of ideological propaganda and its relations with the dictatorial regime in force in Brazil during the 1970 World Cup. News and editorials related to the event were analyzed. Discourse Analysis was used as a theoretical and methodological approach. As a result of the research, the finding of some elements in the newspaper's coverage that relate to the historiographic representation of the 1970 World Cup, among them: the union through football; the reaffirmation of the Brazilian's optimism, and relations between football and politics; silencing the arbitrariness of the civil-military dictatorship; and creating a sense of national unity around the World Cup.

Keywords: 1970 World Cup. Civil-military dictatorship. Discourse Analysis. Football. Politics.

Introdução

O tema deste trabalho é a cobertura do Jornal Zero Hora durante a Copa do Mundo de Futebol de 1970. O objetivo é verificar a presença de traços de propaganda ideológica e relações com o regime ditatorial vigente no Brasil durante o evento.

¹ Mestrando em Escrita Criativa (PUCRS). E-mail: nicholasplyra@gmail.com

Mesmo após mais de 50 anos, a Copa de 1970 apresenta uma dicotomia historiográfica. Por um lado, é atrelada ao regime no país e aos anos de chumbo do governo Médici, reconhecido atualmente como o auge da repressão ao longo da ditadura instaurada no Brasil em 1964 e que durou até 1985, especialmente pela tentativa do governo de se vincular ao título. Por outro, a equipe que conquistou o tricampeonato no México é considerada até hoje uma das melhores de todos os tempos, pelo encantamento coletivo, jogo bonito e o chamado “futebol-arte”, que consagrou o país como melhor futebol do mundo, aliado aos resultados desportivos dentro de campo.

À época, inclusive, pessoas ligadas à esquerda e à oposição ao regime apresentaram resistência em torcer pelo time treinado por Mario Jorge Lobo Zagallo², pois celebrar a vitória da seleção brasileira seria endossar, ainda que de maneira indireta, o regime. Neste contexto dicotômico, surgiu a música “Pra frente, Brasil!”, que representava o sentimento de união nacional em torno da Copa do Mundo. A vitória sobre a Itália, por 4x1 na final colocou o país de volta ao topo no esporte, e o governo utilizou-se disso para tentar reforçar o sentimento de união no país.

De 1964 até 1968³, o Brasil viveu sob uma tensão cada vez mais latente. A ditadura já torturava, matava e fazia desaparecer seus opositores, mas a repressão ainda não havia chegado ao seu auge na comparação com o período posterior ao AI-5. A imprensa, também sob controle do Estado, não passava por uma censura tão rigorosa⁴.

Com a morte de Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici assumiu a Presidência. Em seu governo, duas representações foram determinantes para a compreensão do período: os “anos de chumbo” e o “milagre econômico”. Existindo ao mesmo tempo, um negando a existência do outro, tanto pelo governo quanto pelos censores, ambos representam a dicotomia.

² Bicampeão do mundo como jogador com a Seleção em 58 e 62, e que assumiu o cargo já em 1970, após a saída do controverso João Saldanha, e que possuía em seu grupo alguns dos melhores jogadores de todos os tempos, como Pelé, Jairzinho, Gérson e Tostão.

³ Entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964, membros da sociedade civil, compostos pela classe média, de setores empresariais conservadores, aliados a altas patentes das Forças Armadas do país, deflagraram um golpe civil-militar, que mergulhou o país em uma ditadura que se estendeu por 21 anos. Comandaram o país, neste período, os ditadores Humberto Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1985).

⁴ Entre 1964 e 1968, antes da publicação do Ato Institucional N°5, diversos jornais tinham uma espécie de “passe livre” por terem aderido e até ajudado a referendar o golpe contra o governo João Goulart, conforme explicado por Ferreira (2011) e Silva (2014), entre outros autores. Assim, não sofreram tanto quanto outros nos primeiros anos da ditadura civil-militar. No entanto, com o endurecimento do regime, especialmente de 1969 em diante, este cenário mudou, e a censura se intensificou de maneira sistemática.

É nesse contexto que acontece a Copa de 1970 e que, também, surge no Rio Grande do Sul o jornal Zero Hora, gestado às portas do golpe, e que começa a circular ainda em abril de 1964.

As peculiaridades históricas, aliadas à tentativa de legitimação do regime e ao intuito de atrelar a imagem do presidente a estas conquistas fazem do período algo único na historiografia do país e na sua relação com o futebol, tão ligado aos aspectos de formação social e cultural do país desde o início do Século XX.

Ao mesmo tempo, as ligações entre ZH e seu nascimento próximo ao surgimento do novo regime nos permite estabelecer uma relação e tentar entender como a cobertura da Copa do Mundo de 1970 no jornal pode revelar traços da relação entre futebol e propaganda ideológica do regime.

Trata-se de uma pesquisa empírica, que utiliza a Análise do Discurso como aporte teórico metodológico. O corpus desta pesquisa é composto por 76 notícias e quatro editoriais do Jornal Zero Hora, de 24 de maio a 27 de junho de 1970. O material foi coletado no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre, em 2014.

O artigo começa apresentando o papel da imprensa no golpe civil-militar de 1964, bem como as diferenças ideológicas entre os jornais Última Hora e Zero Hora, que circularam à época dos eventos. Em seguida, aborda a representação do futebol e sua importância na formação sócio-cultural do Brasil, bem como os conceitos de Análise do Discurso, além da apresentação do *corpus*. Por fim, faz uma análise do material coletado, dos resultados da pesquisa conforme utilização do aporte teórico-metodológico e apresenta as considerações finais.

Imprensa e o jornal Zero Hora

A imprensa teve papel decisivo no golpe de 1964, tanto para contribuir com uma sensação de insatisfação com o governo do presidente João Goulart quanto para auxiliar na legitimação de um novo regime (SILVA, 2014). Em sucessivos editoriais, repetiam-se os discursos de insatisfação, bem como os mais inflamados, que pediam a instauração de um novo regime por meio de intervenção militar.

No Rio Grande do Sul, um fenômeno foi perceptível ao analisar o caso de dois jornais à época: Última Hora e Zero Hora. A história do surgimento de um está, inclusive, ligada ao fim do outro.

O Última Hora, de propriedade de Samuel Wainer, foi o principal jornal pró-João Goulart. A amizade de Weiner com Getúlio Vargas foi fundamental para a criação dos veículos, que combatiam no campo da imprensa os ataques sucessivos ao governo Vargas promovido pela Tribuna de Imprensa, de Carlos Lacerda, no estado da Guanabara (BARROS, 1999; WAINER, 2005; FERREIRA, 2011).

Apesar da longa e próspera trajetória dos veículos de Samuel Wainer no centro do país, o fenômeno não se repetiu no Rio Grande do Sul. O Última Hora era o mais progressista entre os veículos do grupo e foi o que mais encontrou dificuldades em se estabelecer no Estado. Assim, teve curta duração em termos de circulação. Teve sua edição de estreia publicada em fevereiro de 1960 e a última em 5 de abril de 1964.

Já o surgimento de Zero Hora ocorre às portas do golpe civil-militar. A primeira edição circulou em 4 de maio de 1964, apenas um mês e três dias após o golpe. Anos depois, em abril de 1970, em função das dívidas acumuladas pelo então proprietário Ary de Carvalho, ocorre a venda da Zero Hora para Maurício Sirotsky Sobrinho (BARROS, 1999).

Elmir (2012, p. 70) é categórico ao afirmar que Zero Hora “desde o primeiro número, fez a defesa do novo regime militar instaurado com a deposição de Jango, assumindo uma linha política oposta à de seu antecessor [...]”. Em uma análise dos editoriais do periódico nos aniversários do golpe, entre 1965 e 1984, Cargnelutti (2013, p. 108) afirma “[...] Zero Hora contribui para a legitimação de um governo arbitrário e inconstitucional ao construir discursos que associam a deflagração do golpe civil-militar com o início de uma ‘nova Nação’ [...]”.

Diante disso, é possível perceber que “Zero Hora nasce num momento histórico de derrubada do Estado democrático, permanecendo de mãos dadas com os donos do poder político” (BIZ, 2003, p. 35). O fato de suas histórias estarem relacionadas, assim como o surgimento de um estar ligado ao fim do outro, sem que isso signifique manutenção da linha editorial – pelo contrário, já que, conforme foi visto, o novo regime passa a ser legitimado pelo novo veículo de comunicação – configura Zero Hora como um objeto interessante de análise.

Futebol e ideologia

Em um ensaio intitulado *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, José Miguel Wisnik pega emprestado um conceito de Jacques Derrida, utilizando-se da ambivalência do *fármakon* enquanto remédio e veneno, para aplicar a tese ao futebol brasileiro. Em suas conclusões, dimensiona a importância do futebol para o país dizendo que:

[...] em vez de dizer que o Brasil se fez reconhecer pelo seu poderio futebolístico mas não pelas coisas de fato importantes, é o caso de reconhecer que talvez seja difícil alguma coisa “de fato importante” acontecer se não formos sequer capazes de compreender o sentido da importância que o futebol ganhou no Brasil (WISNIK, 2008, p. 403).

Segundo Garcia, a propaganda ideológica tem como função “formar a maior parte das ideias e convicções dos indivíduos, e com isso, orientar todo o seu comportamento social” (GARCIA, 1990, p. 10). O autor explica que ela contém três tipos básicos de ideias: as representações, os valores e as normas. A primeira trata de como a realidade se apresenta. A segunda representa como a realidade deve ser. Já as normas definem o que deve ser feito para que essas transformações ocorram ou não.

Uma vez definida, a ideologia serve como modelo para a compreensão da realidade e guia orientador da conduta de todo o grupo e de cada indivíduo em particular. Resta verificar de que forma essa ideologia é propagada, tornando-se conhecida pelos diversos membros de uma classe social ou, até mesmo, por toda a sociedade (GARCIA, 1990, p. 26).

Em sua obra, Guterman (2009) analisa que esporte faz parte de uma construção histórica incapaz de ser dissociada dos desdobramentos da vida política e econômica do país, destacando que o futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil.

Já Ramos (1984) afirma que o futebol seria a simples reprodução das condições de produção capitalista, imposto pela classe dominante através de mecanismos de distração, os chamados “ópio do povo”. Segundo o autor:

O futebol é um belo exemplo de hegemonia cultural. A classe dominante o empurra goela abaixo do proletariado, como uma opção fechada. Isso ocorre com tal esmero de mistificação, que há uma inversão. Ele assume, artificialmente, um valor popular cultural. No

entanto, representa apenas um agente populista conservador de despolitização (RAMOS, 1984, p. 22).

O caso da Copa do Mundo de 1970

Se a Copa de 1970 contou com a interferência da propaganda do governo Médici, é impossível não destacar seus feitos esportivos e a importância da conquista para a formação social e cultural do Brasil. O esporte seria um aparelho ideológico do Estado, no qual se reproduzem as condições econômicas, políticas e sociais do capitalismo. Um dos tópicos da análise de Ramos são as Copas do Mundo. Sobre o Mundial de 1970, o autor afirma que:

(...) serviu para legitimar o governo do general Emílio Garrastazu Médici. Ele chegou ao poder por uma vontade de uma minoria. Não teve voto direto nem qualquer tipo de apoio de bases. Foi um presidente biônico. Então, buscou uma identificação popular no futebol. O que atingiu o seu clímax com a conquista do tricampeonato mundial, acobertando o autoritarismo e a repressão (RAMOS, 1984, p. 49).

Esta teoria que passou à historiografia é contestada por Guterman (2006). O autor rebate e se propõe a, através da Copa do Mundo de 1970, entender o esporte como de importância crucial na vida brasileira, independentemente do governo. O autor constrói um quadro no qual explicita que a manipulação da Copa do Mundo de 1970 não aconteceu de forma estruturada, ou seja, não existia de fato um projeto de exploração por parte da ditadura militar.

A seleção de 1970 criou esse dilema jamais resolvido na alma do pensamento crítico nacional. Os ganhos do regime militar com o sucesso do time eram evidentes demais para que a esquerda, que enfrentava o autoritarismo, não o visse como instrumento do poder; mas ao mesmo tempo, a magia de Pelé, Jairzinho e companhia era irresistível. (GUTERMAN, 2009, p. 162).

Um fator decisivo para isso foi a televisão. Para Guterman, foi crucial para o ufanismo e a reação incontida criada em torno da Copa do Mundo de 1970. Conforme o autor, 16 estados e o Distrito Federal receberam as imagens do evento, pela primeira vez no país.

Análise do Discurso: a Copa do Mundo de 70 no jornal Zero Hora

Para a construção deste artigo, foi utilizada a Análise de Discurso como aporte teórico-metodológico. Maingueneau (1989) aborda os atos de fala. Segundo ele, antes dessa conceituação, embora a língua fosse reconhecida como uma instituição, o mesmo não ocorria com o discurso. Através dos atos de fala foi possível que emergisse uma concepção diferente. Segundo o autor, opera-se de maneira natural aos atos de fala uma espécie de ordem jurídica, já que esses atos acionam determinadas convenções que regulam institucionalmente as relações entre os sujeitos, que atribuem a cada um desses um estatuto na atividade na linguagem. Ao domínio do jogo, o autor admite um pressuposto de que, ao falarmos, adotamos uma forma intencional de comportamento, a qual é regida por determinadas regras, que são comparadas com um jogo de futebol. Essas regras pressupõem instituições, que seriam as únicas capazes de atribuí-las sentido (MAINGUENEAU, 1989).

Para Manhães (2012), a Análise do Discurso é “a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado”. Já segundo Orlandi (2013), a “Análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”.

Marcia Benetti (2007) apresenta uma visão semelhante ao afirmar que os sentidos são determinados por configurações ideológicas. Segundo a autora, a lógica da Análise do Discurso determina que um sentido representa sempre aquilo que poderia ser dito em uma conjuntura específica, por sujeitos específicos, que ideologicamente estão instados a assim dizer determinada coisa, e não outra. Essa afirmação vai ao encontro da definição de formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito, apresentada tanto por Benetti quanto por Orlandi (2013).

Nesta pesquisa foi analisado o período de 24 de maio de 1970 até o dia 27 de junho de 1970 - uma semana antes do início da Copa do Mundo até uma semana após o seu encerramento⁵.

⁵ No entanto, alguns problemas foram encontrados durante esta coleta. As edições do dia 26 e 28 de maio, na semana que antecedeu a Copa, não foram encontradas. Também não havia os jornais do dia 25 e 28 de junho, no período posterior ao torneio. Todas as edições do período que compreendeu o Mundial estavam disponíveis para consulta. Entre os dias primeiro de junho até o dia 21, data da final da Copa, foram selecionadas todas as referências ao mundial presentes nestas edições. Apesar disso, as edições dos dias 31/05 e 07/06 – dois domingos – não se encontravam com seus cadernos de esporte.

Após a leitura do material, chegamos, então, ao número de 76 notícias e quatro editoriais. E a cinco categorias de análise: 1) Identidade e união nacional; 2) Futebol e política; 3) Futebol e guerra: relações; 4) Futebol-arte x futebol força; e 5) Nós x eles: jornalismo torcedor.

Na primeira categoria, intitulada “Identidade e união nacional em torno da Copa do Mundo”, buscamos marcas da caracterização de uma construção e afirmação da identidade nacional, através de uma representação otimista da sociedade. Na segunda, “Futebol e Política”, procuramos estabelecer as relações entre as conquistas e vitórias da seleção com o regime em voga. Na terceira, “Futebol e guerra: relações”, buscamos identificar formações discursivas semelhantes a termos relacionados à batalha. Na quarta, “Futebol arte x Futebol força”, procuramos observar a caracterização principalmente às décadas de 70 e 80, que apresentava polarização entre futebol europeu e sul-americano. Na última categoria, “Nós x eles: jornalismo torcedor”, verificamos traços do posicionamento de Zero Hora como “torcedor”.

Identidade e união nacional

No período analisado, foram 22 notícias enquadradas na categoria “Identidade e união nacional”. Destas, oito publicadas após o tricampeonato. Havia a necessidade de legitimar o regime militar, assim como buscava uma representação otimista do período, na contramão de torturas, desaparecimentos e assassinatos praticados pela ditadura. A Copa realizada no auge deste período potencializou essas sensações.

Estas marcas características de afirmação da identidade nacional estão evidentes no discurso. Verificamos a presença de elementos desta categoria nos estereótipos de representação otimista do povo, que saía às ruas de Porto Alegre para comemorar as vitórias; nas menções à alegria, à felicidade e à afirmação do povo contrastavam com um período econômico e político conturbado e mascarado pelo governo; a repetição de enunciações caracterizando as comemorações como “festa” e “carnaval” são frequentes, assim como descrições das ruas em dias de jogo, sempre acompanhadas de fotos da movimentação da população da capital. Entre os quatro editoriais que selecionamos, três estão nesta categoria. Em Zero Hora, edição de 3 de junho, está claro o sentimento de união nacional através do futebol, ao afirmar que:

Para o Brasil a Copa do Mundo está começando hoje, e o futebol, que normalmente é uma paixão nacional, quando se trata da disputa da Copa “Jules Rimet” se transforma em preocupação de todos os brasileiros, indistintamente [...] Se antes quando os brasileiros podiam acompanhar os jogos apenas pelas transmissões radiofônicas, o país praticamente parava, com mais razão isso ocorreria agora, quando [...] poderemos ver as partidas pela televisão (Zero Hora, 3 de junho de 1970, p. 6).

No dia 8 de junho, após a vitória sobre a Inglaterra, dedicou novamente um espaço que não era ocupado pelo futebol: as páginas iniciais. Na página 2, sob o título “Pôrto-alegrense fez carnaval da vitória”, destaca que os torcedores vibraram intensamente com a nova vitória, “promovendo ao final da tarde um autêntico carnaval, com desfile de carros pelo centro, espoucar de foguetes e muitas bandeiras do Brasil e da dupla Grenal” (Zero Hora, 8 de junho de 1970, p. 2). No final, levanta a questão da euforia da capital em caso de título da Seleção no Mundial do México.

No dia 12 de junho, após a vitória por 3x2 sobre a Romênia, novas referências ao carnaval. Ainda sobre a última partida da seleção na fase de grupos, a manchete dizia: “Gaúchos festejam vitória brasileira”. O destaque era para a comemoração da terceira vitória em três jogos, comemorada pela multidão aos gritos de “Brasil, Brasil”, com direito a trânsito interrompido e chuva de papel picado. De acordo com a matéria, “Pôrto Alegre viveu um carnaval sem perspectiva de ‘quarta-feira de cinzas’, após a vitória do Brasil sobre a Romênia” (Zero Hora, 12 de junho de 1970, p. 25). Na mesma notícia, o contraponto: motoristas profissionais reclamaram da comemoração. Para dar voz a um taxista citado na matéria, ZH utiliza o recurso das aspas, no qual o profissional afirma que a “gritaria já está tomando um aspecto subversivo” (Zero Hora, 12 de junho de 1970, p. 25).

Sobre a utilização das aspas no texto jornalístico, Maingueneau destaca que é um sinal a ser interpretado e que é necessário levar em consideração, para interpretá-las, tanto o contexto quanto o gênero de discurso. Ao transferir o termo “subversivo” para a fala do personagem do texto – no caso, o taxista – Zero Hora se exime da responsabilidade de classificar algo fora da ordem vigente utilizando-se de um termo comum à época da ditadura-civil militar para caracterizar pessoas contrárias ao regime e militantes de esquerda. Assim, ao executar o que o autor chama de convivência necessária, “[...] o enunciador pressupõe a existência de um leitor-modelo, para quem elas são familiares. Ao proceder assim, ele define indiretamente o posicionamento [...]” (MAINGUENEAU, 2011, p. 163).

Futebol e política

Numa leitura rápida é possível dizer que a própria Copa do Mundo de 1970 é um exemplo de manipulação das massas e da sociedade através do futebol. No entanto, outros aspectos devem ser levados em conta para compreender esse evento, para além do uso político do mundial. Um deles é a íntima ligação deste esporte com a formação social do Brasil.

Limitamo-nos aqui a analisar como a cobertura transparece as relações do futebol com a política neste período específico, através da observação de formações discursivas incluídas na categoria, conforme o aporte teórico-metodológico já apresentado.

Na semana que antecede a Copa do Mundo de 1970, começam a aparecer as primeiras relações do futebol com a política. No caderno de esportes de ZH, sob o título de “Futebol pára a política, chegou a hora de sofrer”, declara-se que a vida nacional está temporariamente suspensa – e a política está incluída:

cessa tudo [...]. Os deputados Otávio Germano e Pedro Simon, presidentes da ARENA e do MDB, sabem disso muito bem: não haveria condições para fazer qualquer coisa, em termos políticos, nos dias em que o Brasil jogar. Eles mesmos estarão colados à televisão, acompanhando as partidas. E determinaram, por isso, aos seus secretários executivos [...] que cancelassem todos os compromissos partidários nos dias em que a equipe “canarinho” estiver no vídeo. (Zero Hora, 24 de maio de 1970, p. 20).

No jornal do dia 1º de junho, a repercussão do primeiro jogo, sob o título de “Em casa ou nas ruas, povo vibrou com o início da Copa”. Aqui, percebe-se pela primeira vez uma formação discursiva que aparece com frequência na cobertura. A matéria destaca que “Em Porto Alegre, todos, desde o governador do Estado até os engraxates, colocaram-se ante os aparelhos de televisão [...]” (Zero Hora, 1º de junho de 1970, p. 17).

Em 12 de junho, vem à tona a notícia que passa a dividir com a Copa do Mundo as atenções da cobertura jornalística de ZH. O embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben é seqüestrado na Guanabara. A operação foi realizada por integrantes da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR, na noite de quinta-feira, 11 de junho. Na capa da edição do dia de ZH, o jornal anunciava: “Seqüestrado na Guanabara o embaixador da Alemanha”. Nos dias seguintes, amplo destaque à cobertura do seqüestro.

No dia da semifinal contra o Uruguai, está o único dos quatro editoriais analisados que não se encontram na categoria anterior, relacionada ao futebol e à identidade nacional. O texto cita a Copa do Mundo, mas lamenta que:

[...] nos últimos dias a euforia do brasileiro entusiasmado com sua seleção tenha se desviado um pouco, em face do caso lamentável do seqüestro do embaixador alemão, hoje à noite tôdas as atenções estarão voltadas para Guadalajara (Zero Hora, 17 de junho de 1970, p. 6).

O jornal encerra o editorial pedindo a vitória para apagar os efeitos negativos do atentado contra um diplomata estrangeiro, para que o Brasil siga nas manchetes mundiais apenas através dos bons resultados e do bom futebol apresentado.

Em 23 de junho, destaque para a recepção aos campeões, que chegavam do México neste dia. Na página 10, ZH informava que Médici havia suspenso os trabalhos (com exceção dos serviços essenciais) em todo o país para receber os campeões. Foi saudado pelo presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, pela conquista. Na mesma página, outro texto que dava voz aos principais ministros do governo Médici, que manifestaram satisfação pelo título. Desde Jarbas Passarinho, ministro da Educação, até Costa Cavalcanti, ministro do Interior, as declarações seguiram o tom mais otimista possível, deixando claro que “A vitória no México não foi apenas esportiva. Na conquista do tricampeonato, a técnica e a fibra de nossos craques se completaram [...] com a organização perfeita de nossa delegação” (Zero Hora, 23 de junho de 1970, p. 10).

Futebol e guerra: relações

De acordo com Wisnik (2008), as origens dos jogos de bola estão ligadas a diversos tipos de ritos em diferentes sociedades através da história da humanidade. Em Zero Hora, encontramos alguns discursos que remetem a essa ideia. Contribui para reprodução a época vivida no país no período, fortemente ligada à militarização, ao confronto bélico e à repressão da ditadura civil-militar. Identificamos a repetição de termos relacionados à batalha, tais como “guerra”, “vingança”, “revanche” e “inimigos”.

Na véspera da abertura, o texto de contracapa anuncia: “O presidente dá um chute hoje. É Dias Ordaz. Êle inicia a guerra”. No primeiro parágrafo, antes da descrição da cerimônia de abertura e da partida inaugural entre México x Rússia, nova referência à militarização, ao anunciar que “[...] Agora é a guerra. Quarta-feira, chega a vez do Brasil.

Vai ser contra a Checoslováquia. Você poderá ver hoje como vai ser a guerra que o Brasil vai ter que enfrentar” (Zero Hora, 31 de maio de 1970, contracapa).

No dia 6 de junho, ZH afirma que o clima de euforia e festa após a abertura “[...] deu lugar para uma disputa séria e carrancuda, em que todos se lançam à vitória, deixando de se preocupar com o destino dos oponentes. A autofagia está instaurada e vai prosseguindo seus desígnios até a vitória final” (Zero Hora, 06 de junho de 1970). Aqui, os elementos literários utilizados na descrição emulam um cenário perfeito de guerra. A competição torna-se mais intensa à medida que vai transcorrendo, com objetivo em comum da vitória, do triunfo, sem sequer dar importância ao que ocorrerá com o rival.

À medida que os confrontos chamados de “mata-mata” (eliminatórios) se aproximam, começam a ficar mais frequentes notícias relacionadas às formações discursivas da “belicização do futebol”. Após a vitória por 4x2 sobre o Peru, comandada pelo técnico brasileiro Didi, ZH exaltou o comandante rival, fazendo questão de ressaltar que “A equipe do Peru foi derrotada mas terminou por consagrar seu general, o brasileiro Didi” (Zero Hora, 15 de junho de 1970).

Na contracapa de ZH no dia seguinte à classificação contra o Peru, uma afirmativa em letras garrafais: “Uruguai, sim. Vamos vingar Maracanã 1950”. Na contracapa da edição de 17 de junho, dia da partida, mais duas chamadas: “Hoje para vingar 50” e “Uruguai cria um clima de guerra. Do que valerá?”, fazem alusão ao jogo decisivo, que valia vaga à final da Copa. A repetição de enunciados relativos à vingança, revanche, criam um clima belicoso no enunciado, ao mesmo tempo em que atribui aos uruguaios o chamado “clima de guerra”, tirando do lado brasileiro esta responsabilidade, embora o jogo final de 50 siga “trancado na garganta dos brasileiros” (Zero Hora, 17 de junho de 1970, p. 37).

Futebol-arte x futebol-força

A dicotomia entre futebol-arte dos sul-americanos e o futebol-força dos europeus está presente de maneira constante na cobertura jornalística de Zero Hora durante a Copa de 1970. Após a vitória do Brasil na estreia, sobre a Checoslováquia por 4x1, e o triunfo do Peru diante da Bulgária por 3x2, ZH empolgou-se com o desempenho dos sul-americanos e destacou que:

O panorama geral da Nona Taça do Mundo deixa ver que o futebol europeu, a menos que tudo se inverta, está cedendo de novo terreno para os sul-americanos. As vitórias de peruanos e brasileiros sobre búlgaros e checos demonstra que o decantado preparo atlético dos europeus, misturado com a cantada força física, estão cedendo terreno para a arte delicada dos sul-americanos (Zero Hora, 4 de junho de 1970, p. 25).

Ao final afirma que “Foram destruídos muitos mitos e está quase restabelecida a verdade definitiva de que somos os melhores do mundo” (Zero Hora, 4 de junho de 1970).

No dia 10 de junho, com o Brasil já praticamente classificado e faltando quatro jogos para o título, é enfático ao dizer que o jogo daquele dia, contra a Romênia, seria:

[...] o confronto da técnica e do talento espontâneo dos brasileiros, contra a rígida disciplina e o sistema defensivo dos romenos, e não resta dúvidas que nesta Copa do México já está devidamente esclarecida a diferença entre as duas filosofias de jogo. É inegável que o futebol-arte supera e suplanta o futebol-força (Zero Hora, 10 de junho de 1970, p. 38).

Antes do encerramento da competição, ZH dá o “embate” por encerrado, no qual o jogo dos sul americanos “supera e suplanta o futebol-força” dos europeus, mais uma vez caracterizado na cobertura pela “disciplina” e pelo forte “sistema defensivo”.

Após a final, já no último dia destinado à cobertura, em 24 de junho de 1970, ZH enfatizou: “Antifutebol: o fim”. Ao longo do texto, rememorou os seis adversários do Brasil na campanha do tricampeonato, ressaltando que “O mundo inteiro assistiu aos triunfos do Brasil e hoje se curva ante o nosso futebol espetáculo e cheio de lampejos de genialidade” (Zero Hora, 24 de junho de 1970, p. 37).

Nós x eles: jornalismo torcedor

Para Wisnik (2008), o futebol pode ser analisado como um sistema simbólico que coloca uma condição ao imaginário, a qual ele chama de “o real da perda”. Ou seja, precisamos aceitar a condição de estarmos sujeitos a ganhar ou perder. Esta condição, conforme vimos anteriormente, pode estar associada a conflitos e guerras, por exemplo. Nesta categoria, buscamos formações discursivas que deixassem claro esta rivalidade. Elementos de negação e afirmação estão presentes, assim como a caracterização das demais seleções que disputam o torneio, através de um reforço no uso de estereótipos já

constituídos dentro do futebol e que, por isso, acabam relacionados no imaginário como característico destes países.

Em 2 de junho, a primeira marca que coloca os ingleses como os principais antagonistas da caminhada brasileira. Na necessidade de formar a dicotomia entre herói e vilão, ZH traz a Inglaterra neste papel. O título provoca: “Muita gente amanhã vai mostrar a razão de estar no México. Os campeões, também”. Ao longo do texto, afirma que “[...] o arrogante Alf Ramsey não se cansa de afirmar que será fácil para o English Team se classificar e até mesmo ganhar a Copa. Mas ninguém ficará espantado se os ingleses forem para casa mais cedo do que pensam” (Zero Hora, 2 de junho de 1970).

A presença desta formação discursiva volta a se manifestar em outro momento marcado por forte rivalidade histórica da seleção brasileira: o confronto contra o Uruguai na semifinal da Copa do Mundo. No dia seguinte à vitória por 3x1, ZH estampou, no título da página 49: “Êles fizeram tudo para repetir 50. Mas não deu”. Aqui, novamente o jornal utiliza-se da terceira pessoa do plural, “eles”, como oposição “nós”, colocando-se junto com a seleção, criando a rivalidade para o leitor do texto.

Por fim, ZH novamente cita a questão dos estereótipos, sob o título de “Catimba! Nem isso bastou. Êles caíram [...]”, reforça uma caracterização tipicamente atribuída a times e seleções platinas ao longo da história do futebol: a “catimba”. A prática, especialmente relacionada a uruguaios e argentinos, consiste numa espécie de anti-jogo, simulando faltas, tomando atitudes desleais, atrasando o andamento da partida, entre outros. No parágrafo de abertura, destacou que os uruguaios “não foram, em absoluto, os catimbeiros que se esperava. A humildade de seu jôgo conseguiu muita coisa. Para o Uruguai, estar entre os quatro é honra” (Zero Hora, 18 de junho de 1970, p. 51).

Considerações finais

A memória da Copa do Mundo de 1970 está ligada a um período extremamente conturbado da história brasileira. Antes de nos debruçarmos sobre os eventos da Copa do Mundo, bem como questões ideológicas relacionadas ao futebol no Brasil, apresentamos neste trabalho um contexto que julgamos importante ser compreendido.

A partir da análise, podemos concluir que, embora compreendamos o contraponto trazido por autores que consideram um reducionismo da expressão do futebol na sociedade brasileira a maneira como a Copa de 1970 passou à historiografia, o jornal Zero

Hora construiu em seu discurso na cobertura do evento uma imagem de identidade e união nacional em torno do Mundial, contribuindo para a reafirmação do povo brasileiro e do reforço do otimismo individual. Aliado a isso, mostrou o futebol ligado à política e ao governo ditatorial, além de estabelecer um vínculo entre a seleção e o governo militar – fato este que também pode ser ilustrado com o fato de que a delegação que foi ao México era composta, em grande parte, por militares.

É possível identificar estes elementos em todas as categorias de análise enumeradas anteriormente. Vale ressaltar também que, longe de serem excludentes umas às outras, elas se complementam e possibilitam a formação de um quadro total que ajuda a compreender de maneira significativa como se deu a cobertura do jornal Zero Hora durante a Copa do Mundo de 1970, e como elementos políticos, sociais e culturais se interligam neste cenário.

Concluimos que episódios relacionados a eventos esportivos – sejam eles em governos democráticos ou autoritários – bem como sua abordagem nas diferentes mídias, configuram-se em um valioso objeto de estudo e análise pelo importante papel que cumpre na mobilização social.

Referências

BARROS, Jefferson. **Golpe mata jornal**: Desafios de um tablóide popular numa sociedade conservadora. Porto Alegre: JÁ Editores, 1999.

BENETTI, Marcia. **Análise do discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia. BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARGNELUTTI, Camila Marchesan. **“É tempo de construir o Brasil Grande”**: Uma análise dos editoriais de Zero Hora nos aniversários do golpe civil-militar de 1964. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Maria, Comunicação Social – Jornalismo, 2013.

ELMIR, Cláudio Pereira. **Uma aventura com o Última Hora**: o jornal e a pesquisa histórica. Anos 90, Porto Alegre, vol. 19, nº 36, dezembro de 2012, p. 67-90.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart**: uma biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. 9 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: o Caso da Copa de 70.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, História, 2006.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 11 ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do Poder.** Petrópolis: Vozes, 1984.

SILVA, Juremir Machado da. **1964.** Golpe midiático-civil-militar. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter.** São Paulo: Editora Planeta, 2005.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.